

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO: TIRINHAS DE FÍSICA PARA ALUNOS SURDOS

¹Mateus Alles Hubert

Resumo

Este trabalho objetiva trazer reflexões a respeito de recursos de ensino-aprendizagem aos alunos surdos. Não buscamos trabalhar com a história da surdez, e sim investigar as Tirinhas (pequenas histórias em quadrinhos) quando utilizadas como ferramenta de ensino. Apresentando-se para o aluno surdo, de forma mais clara e simplificada os conceitos trabalhados nas aulas de física, unindo informação verbal à informação visual, o que de certo modo acaba se tornando uma grande potencialidade de aprendizagem. Trazemos reflexões acerca de um projeto desenvolvido no Instituto Federal Farroupilha, que cria e direciona o uso de Tirinhas em aula de física. Em um primeiro momento, trabalhamos com a ideia de ilustrar através das tirinhas os diferentes conteúdos trabalhados em sala de aula, servindo então, como material de auxílio teórico, trabalhando sempre com a visão e objetivo de proporcionar ao surdo um domínio maior dos conceitos de física.

PALAVRAS-CHAVE: Tirinha, Surdo, Física.

Abstract

This work aims to bring reflections on teaching and learning resources for deaf students. We do not seek to work with the history of deafness, but investigate the Comic Strips (small comics) when used as a teaching tool. Introducing himself to the deaf student, more clearly and simplified the concepts worked in physics classes, uniting verbal information to visual information, which somehow ends up becoming a great learning potential. We bring reflections on a design developed at the Instituto Federal Farroupilha, which creates and directs the use of Comic Strips in physics class. At first, we work with the idea of illustrating the different strips through the contents learned in the classroom,

¹ Aluno do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal Farroupilha – Campus Panambi.

serving then as theoretical material assistance, working always with the vision and goal of giving the deaf a larger domain of physics concepts .

KEYWORDS: Comic Strips, Deaf, Physic.

Introdução

Neste trabalho relataremos e destacaremos alguns pontos importantes com a finalidade de discutir o assunto Ensino de Física para Surdos acerca de reflexões e observações realizadas junto ao Projeto PRODUÇÃO DE TIRINHAS PEDAGÓGICA DE FÍSICAS DIRECIONADAS A APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS

Vivemos em um mundo de constantes transformações, onde cada vez mais é colocado como prioridade o acesso de todos à educação, e tem como consequência uma exigência maior dos professores, pois isto traz novos alunos, com necessidades e dificuldades diferentes do comum, fazendo com que exija dos professores novas formas de ensino-aprendizagem, cabendo a eles então, buscar competências que lhes permitam trabalhar com o diferente.

No contexto em que trabalhamos, os recursos tecnológicos são enfatizados como se eles por si já conseguissem ter o total controle e metodologia de um professor, porém, não se pode confundir inovação tecnológica com inovação pedagógica, pois quando trabalhamos com um aluno com dificuldades especiais, no surdo, tem-se um desafio maior ainda, rompendo com a ideia de que todos são iguais e tem a mesma capacidade de compreensão/absorção de conhecimento.

Desenvolvimento

No presente artigo, optamos em fazer um breve relato sobre o Projeto Tirinhas de Física para Alunos Surdos e o que é trabalhado no mesmo. Em seguida, trazemos a importância da metodologia de ensino, pensando-se em unir o surdo, a física e a aprendizagem através de Tirinhas, permitindo então ao surdo uma maior absorção/entendimento de conhecimento, procurando ressaltar sempre os desafios e possibilidades do ensino de física para alunos surdos, entendendo que eles tem os mesmos direitos dos ouvintes e devem ter

a mesma compreensão científica dos ouvintes, visando formar um cidadão crítico e reflexivo em um mundo cada vez mais ligado a ciências e a tecnologia.

Desde o princípio, sabe-se que o surdo era considerado um ser não-educável, com certa incapacidade de aprendizagem e com menos qualidade que os ouvintes, várias pessoas acreditavam que os surdos deveriam ser criados em locais que não houvesse o contato com ouvintes, pois até então, não eram considerados capazes de serem incluídos no meio social. Por volta do século XVI, pensou-se então em uma tentativa de incluir o surdo à sociedade, com o propósito de tentar educar o surdo.

Segundo SKLIAR (1997) a partir de 1970, as escolas comuns americanas e europeias começaram a aceitar alunos com deficiência auditiva em classes comuns. No Brasil, estas iniciativas de adaptação foram constatadas desde o século XIX. Sendo que em um primeiro momento, foram criadas escolas para portadores de necessidades especiais.

Após um certo tempo de discussões dos grupos de surdos e dos profissionais defensores do ingresso dos surdos na escola, foi criada a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que garante o direito do surdo de ter um ensino bilíngue nas escolas públicas e privadas, através da oferta obrigatória de sua inclusão em todos os cursos de formação de professores e também de fonoaudiologia.

Nos dias atuais, é cada vez maior a presença de alunos surdos na sala de aula, visto que isto traz à escola e à educação um papel muito desafiador e criador, pois ao mesmo tempo que o surdo traz consigo as dificuldades na tentativa de adaptá-lo, instiga na escola/professor um ser que deve buscar e criar meios de construir o conhecimento junto ao surdo.

Nesse Sentido, Morin (2004), destaca que a escola tem a função social de “organizar os processos de aprendizagem dos alunos, de forma que eles desenvolvam as competências necessárias para serem cidadãos plenos e contribuam para melhorar nossa sociedade”. Gomes (1999) cita que “a escola é um espaço sociocultural em que as diferentes presenças se encontram”.

O objetivo da escola seria então de inserir, instigar e formar um cidadão crítico e sociável, de tal forma que busque através dos recursos disponíveis na escola atender os conteúdos propostos por cada disciplina, buscando meio alternativos de inserção do aluno com dificuldade especial. Neste contexto, podemos ver a escola como um lugar social, sujeito a sofrer mudanças estruturais, pedagógicas e administrativas.

Quando estamos falando em inserir o surdo na sociedade, podemos destacar as sábias palavras de Paulo Freire (2001), que defende a posição do ser humano aberto e inacabado, onde as relações do saber se constroem a partir das relações sociais dos seres humanos, pois, o ser humano é um ser social e político. Na visão de Freire (2001), um sujeito autônomo é aquele que se constrói pelo diálogo com o mundo e pelo aprendizado através do falar e ser ouvido estando aberto para aprender, onde ninguém se educa sozinho havendo uma relação mutua entre os indivíduos.

Em termos de curiosidade, o efeito da surdez é muito maior no cérebro do que na dificuldade que se apresenta ao não escutar. Não que a capacidade mental dos deficientes auditivos sejam inferiores ou diferentes do ser ouvinte em termos de capacidade, dizemos isso porque a linguagem é parte crucial do funcionamento do cérebro humano. É de extrema relevância que ele tenha alguma forma de linguagem para usar numa voz interior com a qual irá se guiar. Recentes pesquisas mostram que a linguagem do surdo tem função absoluta em atividades cerebrais como a memória, o pensamento abstrato e até mesmo a autoconsciência, e é por este motivo que, no passado, as pessoas com deficiência auditiva foram também consideradas deficientes mentais.

A fim de compreendermos o processo de ensino/aprendizagem de física para alunos surdos e propormos procedimentos metodológicos para este ensino, realizamos um Projeto de Produção de Tirinhas de Física, que busca contribuir com a aprendizagem dos alunos surdos. Portanto, este projeto está sendo de estudo didático, ampliando o conhecimento, propondo alternativas que possam servir como material de auxílio ao conjunto de teorias. Este projeto está sendo desenvolvido no Instituto Federal Farroupilha – Campus Panambi e

consta com três bolsistas, sendo um deles surdo. Mesmo ainda em andamento já realizamos importantes reflexões que agora servem como base para este artigo.

Como sabemos, o surdo não obtém, muitas vezes, o mesmo entendimento de um ouvinte, e pode-se observar que para ele o visual vale muito mais do que apenas a escrita. Baseado nesta linha de pensamento, desenvolvemos no projeto citado materiais didáticos (sob forma de Tirinhas) visando contribuir e auxiliar o aluno surdo no seu processo de ensino/aprendizagem de física. Criamos tirinhas, dando preferência para a leitura visual, colocando uma ênfase maior no desenho.

A metodologia adotada no projeto envolve duas etapas básicas: a de discussão dos conceitos a serem ilustrados e a produção/criação das tirinhas pedagógicas. Após disponibiliza-se este material aos professores que trabalham física em turmas que incluam alunos surdos.

A física de certo modo, é felizmente um estudo mais fácil de ser colocado em prática em nossas tirinhas, afinal ela está aplicada no nosso cotidiano e conseqüentemente é mais fácil de ser retratada e ilustrada. Nos relatos dos professores e dos alunos surdos, destacamos a importância das ferramentas visuais para o ensino destes alunos. Percebemos a construção do conhecimento de uma forma mais eficaz ao se utilizar esta estratégia de ensino.

Ainda ressaltamos que entendemos as tirinhas como uma nova forma de linguagem, que une a informação verbal à visual, se constituindo uma importante e eficaz estratégia de ensino aprendizagem tanto a alunos surdos quanto ouvintes, dessa forma contribui aos processos de inclusão.

Conclusão

Procuramos ao longo deste projeto/pesquisa compreender e estudar como ocorre o ensino/aprendizagem do surdo em um ambiente escolar bem como desenvolver um acervo de Tirinhas para consulta e utilização em sala de aula de toda a comunidade que de alguma forma se envolve com a aprendizagem dos surdos: professores, alunos, pais, entre outros. O projeto

visa produzir uma revista eletrônica para publicação e divulgação desse material didático construído.

Em relação aos alunos surdos, é possível observar que, devido ao auxílio/complemento das tirinhas, é possível observar um maior entendimento, interesse e domínio de conteúdo, visto que através delas é apresentado pelo professor um novo método para ensino de física, e que deveria ser usado em outras disciplinas, como forma de introduzir o conteúdo, de motivar a aprendizagem, de elaborar sínteses, de avaliar, etc, visto que serve não somente para o aluno com deficiência auditiva, mas também servindo como referencial para os alunos ouvintes.

Referências

SKLIAR, C; **Educação e exclusão: Abordagens sócio antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

MORIN, E.. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Rev. técnica Edgard de Assis Carvalho. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GOMES, N., L.,. **Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferentes presenças na escola**, 1999. Acessível em <http://www.mulheresnegras.org> acesso em 12/12/2011.

FREIRE, P; **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988

_____ Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial[da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2002.